

HENRIK BRANDÃO JÖNSSON

SAUDADE

Cartografia de um sentimento



ÍNDICE

<i>Prefácio</i>	7
PARTE I	
Açores — Califórnia	13
1 «Preciso de ver o mar»	15
2 «Na costa leste não temos touradas»	49
PARTE II	
Caracas — Madeira	79
3 «Se vocês não conseguirem ficar em silêncio, eu paro de cantar»	81
4 «Quem anda à chuva molha-se»	107
5 «Estamos bem aqui também»	125
PARTE III	
Cabo Verde — Nova Inglaterra	149
6 «O que é que realmente procuro nesta ilha?»	151
7 «Não é de estranhar que a minha irmã tenha começado a beber»	179
8 «E se ela já não gostar de mim como antes?»	201
<i>Epílogo</i>	227

PREFÁCIO

No mundo lusófono, existe uma palavra peculiar, difícil de traduzir para outras línguas: saudade. Capta a sensação de querer partir e querer ficar ao mesmo tempo, um estado de espírito contraditório que pode ser tão doloroso quanto prazeroso — uma doce melancolia. O termo é usado numa dezena de países e regiões que fizeram parte do Império Português.

A saudade pode surgir quando sentimos falta de algo que perdemos ou que já não está acessível. Pode ser uma pessoa, um lugar ou um estilo de vida. Embora seja um conceito português, a palavra descreve um sentimento compreendido por muitos, em particular os migrantes que sentem falta da sua terra natal.

Ao longo de vinte e cinco anos no Brasil, aprendi o significado da palavra «saudade». Vivi dividido entre os dois lados do Atlântico, numa espargata constante para manter um pé na Suécia e outro no Brasil. Uma manobra arriscada e algo dolorosa. Se um dos ligamentos se rompe, fico preso num dos extremos. Ultimamente, passei a saltar entre esses mundos para conseguir manter os dois pés firmes no chão, ainda que por breves instantes. Durante algum tempo, encontrei, a meio do caminho, um terceiro lugar que me trouxe equilíbrio — Portugal.

De muitas formas, podemos comparar a saudade ao amor. A paixão embriaga-nos de uma euforia que faz tudo ao redor brilhar. Tudo parece lindo. Sentimos borboletas na barriga. Mas o amor também nos pode sugar para o fundo, trazendo pensamentos nunca imaginados. O mundo escurece. O estômago

aperta a ponto de não conseguirmos comer. No amor, estamos ou muito felizes ou muito infelizes. Na saudade, ambos os sentimentos convivem. Rimos para não chorar.

Transitar entre estes estados de espírito é o fundamento da saudade. É nunca nos sentirmos realmente em casa. Uma das maiores escritoras brasileiras, Clarice Lispector, que nasceu na Ucrânia, filha de pais judeus, descreveu a saudade como uma fome que «só passa quando se come a presença». Mesmo não fazendo parte do mundo lusófono, Pablo Neruda, poeta chileno exilado e laureado com o Prémio Nobel, compreendia a saudade. Segundo ele, o sentimento surge «quando o amor ainda não foi embora, mas o amado já».

O conceito é tão intenso — e, ao mesmo tempo, agri-doce — que existe uma expressão específica para descrever como escapar a essa sensação — *matar saudades*.

Com a humanidade a deslocar-se cada vez mais entre países e culturas, este sentimento espalhou-se pelo mundo. Não atinge apenas os migrantes involuntários que abandonam as suas casas devido a guerras ou alterações climáticas. A nossa mobilidade também facilitou que nos apaixonemos por pessoas de outras partes do mundo. Fazemos as malas e mudamo-nos por amor. Até os avanços digitais têm permitido que mais pessoas escolham o lugar a partir do qual preferem trabalhar.

O facto de um número cada vez maior de pessoas nascer num país mas viver noutro tem feito da saudade um sentimento universal. No nosso mundo globalizado, a saudade está a tornar-se regra. Toca muitos de nós pelo mundo fora, mas raramente o fenómeno em si recebe atenção. Talvez porque falte a muitos uma palavra para o descrever.

Uma vez, depois de muito tempo sem ir à Suécia, voei com a minha filha, nascida no Rio de Janeiro, para Malmö,

a minha cidade natal. Entrámos num supermercado para comprar o pequeno-almoço. Quando avistei a prateleira das batatas fritas, senti uma vontade incontrolável de comê-las com os temperos suecos de endro e cebolinho. Não me contive. Abri um pacote dentro da loja e comecei a comer. Num repentino momento proustiano, o sabor das ervas evocou um turbilhão de memórias da minha infância. A minha filha, então com cinco anos, olhou fixamente para mim.

— Podemos fazer isto?

— Podemos, sim — respondi, entregando-lhe o pacote.

Saímos da loja com passos leves. Eu tinha restabelecido o contacto com as minhas origens. Tinha matado as saudades.

São precisamente os sabores que me têm ajudado a lidar com a dupla saudade de casa. Quando estou na Suécia, compro compota de arandos, bem como anchovas enlatadas, que levo para o Brasil, para consumir quando as saudades apertam. Já ao viajar para a Suécia, levo tapioca e azeite de dendê para os momentos em que sinto falta do Brasil. Após quase um quarto de século a viver no Rio de Janeiro, estou para sempre dividido. A saudade tornou-se parte de mim.

A profissão que melhor simboliza este sentimento ambivalente talvez seja a dos marinheiros. Quando estão no mar, anseiam pelo porto; quando estão no porto, desejam o mar. Estão constantemente ausentes.

Durante a Idade Média, surgiu um mito cristão segundo o qual o corpo do apóstolo Tiago teria caído como uma estrela cadente na Galiza, que, à época, era considerada o fim do mundo. Sobre o túmulo do discípulo foi erguida uma igreja que, no século XI, se tornou a catedral mais impressionante da cristandade. A ideia de que um bom cristão devia peregrinar até ali para visitar

o relicário de São Tiago propagou-se pela Europa. Peregrinos de todo o continente começaram a dirigir-se a Santiago de Compostela, que, depois de Jerusalém e Roma, se tornou o terceiro lugar mais sagrado do cristianismo.

Os peregrinos transformaram Santiago de Compostela numa cidade cosmopolita, que vibrava com diferentes línguas e culturas. No século XIII, quando D. Afonso X governava a Galiza, Castela e Leão, a vida cultural na cidade era efervescente. Um dos trovadores que se estabeleceram em Santiago de Compostela foi Nuno Eanes Cerzeo. Vindo do interior da região, cantava *cantigas* nas ruas empedradas. As suas canções consolavam os peregrinos que não tinham forças para voltar e que haviam ficado encantados com o charme multicultural de Santiago de Compostela. O trovador captou uma palavra que os peregrinos usavam ao falar da sua saudade ambígua. A palavra vinha do latim *solitatem*, que significa estar sozinho, isolado ou desamparado. Numa das suas cantigas, Nuno Eanes Cerzeo canta, em galego — a língua-mãe do português —, «*pero das terras averei soidade*». Foi a primeira vez que a palavra «saudade» foi usada por escrito.

Na época, o país vizinho, Portugal, era governado por D. Dinis, um rei com tendências líricas que, anos depois, viria a compor uma balada medieval na qual usou a palavra *soidade*. Os primeiros versos diziam: «Que soidade de mia senhor hei / /quando me nembra dela.» O facto de o homem mais poderoso de Portugal, mais tarde apelidado *Rei-Trovador*, ter usado este termo multifacetado fez com que depressa se propagasse pelo país. Com o tempo, a grafia mudou para *saudade*, provavelmente por influência da palavra *saúde*.

Durante a era dos Descobrimentos, no século XVI, quando Portugal se tornou a primeira superpotência global, o conceito

foi popularizado por milhares de jovens portugueses que embarcaram nas caravelas para descobrir o mundo. Muitos não voltaram. Esse sentimento de distância e perda fez da saudade uma característica da alma portuguesa.

Algumas pessoas acreditam que a saudade se integrou no estilo de vida português.

No século XVII, o escritor Francisco Manuel de Melo definiu a saudade como «um mal de que se gosta e um bem que se padece». O maior poeta de sempre, Fernando Pessoa, foi quem mais se aprofundou neste estado de espírito. Pessoa escreveu a maior parte da sua poesia por intermédio de diferentes heterónimos — vozes fictícias com personalidades e estilos literários próprios. Mas havia algo que as unia: as suas palavras transbordavam de saudade.

O escritor indiano-britânico Salman Rushdie escreveu certa vez que «a história cultural de um país pode ser determinada pelas suas palavras intraduzíveis». O dinamarquês tem o *hygge*, o sueco tem *lagom* e o português, *saudade*. Hoje, o termo está tão consolidado que se tornou quase uma marca registada de Portugal.

A primeira vez que deparei com o conceito foi numa loja de discos em Lisboa, em meados da década de 1990. Estava a ouvir um álbum da diva cabo-verdiana Cesária Évora, que cantava a música «Sodade». A sua voz melancólica captou um sentimento que eu não conhecia, mas que reconheci. Havia nela um tom semelhante à melancolia nórdica que os filmes de Ingmar Bergman espalharam pelo mundo.

Comecei a interessar-me por este estado de espírito português e percebi que, no mundo lusófono, as pessoas que mais sentem saudade são os migrantes dos arquipélagos atlânticos dos Açores, Madeira e Cabo Verde. Ao longo dos séculos, devido

à caça à baleia e às erupções vulcânicas, as populações destes arquipélagos migraram para as Américas. Apesar de muitos terem encontrado uma vida melhor do outro lado do Atlântico, continuam a sentir uma constante saudade das suas ilhas.

Neste livro, sigo algumas famílias dos Açores que emigraram para os Estados Unidos da América, onde vive mais de um milhão de descendentes de portugueses. Um dos mais conhecidos luso-americanos é o ator Tom Hanks, cujos avós maternos e paternos eram oriundos dos Açores. Outra é a cantora Katy Perry, cujo apelido é uma americanização de Pereira. Dos Estados Unidos, parto para a Venezuela, marcada pela crise, que, durante o auge do petróleo, entre as décadas de 1940 e 1980, acolheu quase metade da população da ilha da Madeira. Devido ao colapso económico e político da Venezuela, muitos madeirenses tentam agora regressar a casa. Também visito Cabo Verde, onde o conceito de saudade está tão profundamente enraizado que o arquipélago desenvolveu um género musical próprio — a morna — que incorpora este sentimento dividido, este vaivém de dores e prazeres.

Embarco nesta viagem para compreender a fundo o sentimento de saudade, tanto nas pessoas do mundo lusófono quanto dentro de mim.

Henrik Brandão Jönsson
Petrópolis, janeiro de 2026

PARTE I

Açores – Califórnia

«Preciso de ver o mar»

Daniel Martiniano aproxima os binóculos militares, com cobertura de borracha, dos olhos e observa o Atlântico. A visibilidade é boa hoje: é possível avistar vários quilómetros. A tempestade de areia do Saara, que pairou sobre os Açores esta semana, dissipou-se. Se um cachalote emergisse e soprasse uma nuvem de ar comprimido, o vigia Daniel certamente o perceberia.

— O jato pode alcançar vários metros de altura — diz ele, sem afastar os olhos dos binóculos.

O posto de observação de Daniel fica numa encosta coberta de vegetação alta na costa da ilha do Pico. A cabana tem apenas alguns metros quadrados e está pintada de branco, com uma porta azul-clara. Ao longe, parece uma pequena casa das ilhas gregas, embora com painéis solares e antenas no telhado. As paredes não têm janelas, apenas uma abertura retangular estreita na frente que confere ao posto de observação a aparência de um *bunker*, e à altura da qual há um binóculo fixo num tripé cromado.

— Fico a ver o mar durante horas — confessa Daniel.

Habitualmente, acorda ao amanhecer, afunda-se no banco gasto do seu carro, cuja pintura desbotou devido ao Sol e ao sal do Atlântico, e conduz até ao posto de observação, nos arredores de Lajes do Pico. Varre metodicamente o mar em busca de cachalotes que se alimentam de lulas gigantes a centenas de metros de profundidade, perto dos Açores. À medida que o Sol nasce, as baleias costumam emergir.

— Às vezes, vejo uma família inteira de cachalotes.

Quando era jovem, Daniel participou na caça à baleia. Tinha como tarefa remar numa das embarcações compridas de madeira e aproximar-se o mais possível do cachalote para que o arpoador pudesse apontar aos pulmões do animal. Caso o arpão acertasse, o cachalote, que pode pesar até cinquenta toneladas, chicoteava a cauda em forma de meia-lua, ameaçando virar o barco.

— Era uma aposta arriscada.

Uma vez, algo correu mal. A cauda, com cinco metros de envergadura, atingiu o barco e fez um golpe profundo numa das pernas de Daniel, forçando o grupo a abandonar a caça. A sangrar, remou de volta à ilha e foi socorrido no posto médico local. Assim que a ferida sarou, retomou a caça perigosa.

— As baleias eram a nossa única fonte de rendimento.

Sempre que um dos observadores nos postos ao longo da costa avistava uma baleia, lançava foguetes de sinalização. Os camponeses largavam tudo, corriam para o porto e embarcavam nos botes. Depois de morta, a baleia era arrastada para terra e esquartejada. A parte mais valiosa do animal, que podia atingir até vinte metros de comprimento, era a enorme quantidade de óleo escondida na sua cabeça angular — até dois mil litros. No século XIX, o óleo era usado para iluminar as maiores cidades dos Estados Unidos da América e da Europa. Substituído por querosene nos postes de iluminação, o óleo de baleia encontrou novas utilidades na indústria bélica: durante a Primeira Guerra Mundial, os soldados esfregavam-no nos pés para suportar as trincheiras inundadas, enquanto na Segunda Guerra Mundial era usado para lubrificar os torpedos dos submarinos.

— Apanhávamos até quarenta baleias por ano — conta Daniel.

Quando Portugal pediu a adesão à Comunidade Económica Europeia, os países-membros exigiram o fim da caça à baleia nos Açores. Em troca, a CEE (atual União Europeia — UE) prometeu subsídios às famílias que dependiam desta atividade. A proibição entrou em vigor em 1984, e dois anos depois Portugal tornou-se oficialmente membro.

Em 1987, no entanto, ocorreu um incidente que fez manchetes. No Pico, a segunda maior ilha dos Açores, alguns caçadores de baleias violaram o acordo e mataram três cachalotes. A CEE retaliou cortando os subsídios ao arquipélago.

— Foi pura estupidez. As baleias foram mortas à toa. A fábrica que processava o óleo já tinha fechado. Ninguém ganhou um tostão.

Daniel fala-me daquela época, das suas experiências e da transição para a vida de vigia.

— Fizeram aquilo só pela aventura — diz Daniel, com olhos azuis brilhantes que lhe dão um ar de adolescente animado.

Os seus maxilares desdentados, no entanto, revelam que já passou dos setenta anos. Os lábios foram sugados para dentro da boca, como se o corpo carregasse um vácuo interno. Mas Daniel não se importa com isso e continua a conversar incansavelmente.

Já se passaram quase quatro décadas desde que Daniel e os outros caçadores de baleias ficaram desempregados. Como era o mais jovem do grupo, é um dos últimos caçadores de baleias dos Açores ainda vivos. Muitos dos seus colegas já morreram ou emigraram para a América do Norte. Durante algum tempo, também Daniel viveu lá.

— Nos Estados Unidos, todos tinham fogões a gás e carros enormes, enquanto nós, nos Açores, ainda usávamos fornos a lenha e burros. Mas eu não gostei da vida lá. Os meus primos

ainda vivem em Massachusetts. Estão sempre a queixar-se de saudades. «Então voltem para casa», digo eu. «Não há trabalho», respondem. Claro que há trabalho. Olhem para mim! — exclama Daniel, enquanto liga o rádio de comunicação alimentado pelos painéis solares no telhado.

Há dez anos, encontrou uma maneira de ganhar dinheiro com as baleias sem precisar de as matar. Daniel começou a prestar serviços de observação a um operador turístico que organiza safáris de baleias.

— Olhe ali! Duas lanchas a caminho. — Daniel aponta para o mar, azul como um gelado de mirtilo.

Se Daniel avista uma baleia pela manhã, entra em contacto com a agência de turismo e fornece as coordenadas. Após terem tomado o pequeno-almoço no hotel e vestido os coletes salva-vidas, os turistas são levados rumo às baleias, guiados pelas instruções de Daniel via rádio. As regras estipulam que os barcos se aproximem dos animais apenas pela retaguarda e que mantenham uma distância mínima de cinquenta metros. Caso haja filhotes presentes, a distância deve ser de, pelo menos, cem metros. Além disso, é obrigatória a presença de um biólogo marinho a bordo.

— É uma parvoíce. Eu consigo dizer, só pela cauda do cachalote, se vai mergulhar ou não. Os biólogos marinhos não sabem dessas coisas — afirma Daniel, pressionando o botão do rádio.

O aparelho crepita.

— Lobo do Mar chamando! Lobo do Mar chamando! Estão a ouvir-me?

O som de estática ecoa.

— Aqui, Lobo do Mar!

Daniel estica os lábios sobre os maxilares desdentados.

— Não vi nada a manhã inteira, exceto um cardume de golfinhos.

O rádio crepita.

— Entendido. Leve-nos até aos golfinhos!

Daniel fornece as coordenadas e as lanchas aceleram em direção ao grupo de golfinhos. Quando o alcançam, os motores são desligados e os turistas pegam nos telemóveis para registar o momento em que os golfinhos brincam diante da proa. Daniel larga os binóculos e pega na sua garrafa térmica, cheia de café.

— Desde que vejam alguma coisa, os turistas ficam satisfeitos.

Quando Daniel tinha dezasseis anos, o fotógrafo americano Bernard Wolf visitou os Açores para documentar a caça à baleia no Pico, que na década de 1970 ainda era realizada com barcos a remos e arpões manuais. Wolf ficou fascinado com Daniel e acompanhou-o durante algumas semanas. O trabalho resultou no livro de fotografias *Daniel and the Whale Hunters*, que fez de Daniel uma celebridade internacional. Há alguns anos, o município traduziu os textos e publicou o livro em português (*Daniel e os «caçadores» de baleias*).

— Tenho em casa uma pilha desses livros, que costumo dar a quem se interessa.

O vento começa a soprar com mais força, e as cristas das ondas ganham espuma branca. Daniel já não consegue distinguir se um cachalote emergiu ou não.

— Lobo do Mar chamando! Lobo do Mar chamando!

O rádio crepita novamente.

— Aqui, Lobo do Mar!

— Já não consigo ver nada. Há muita espuma no mar.

O rádio volta a crepitar.

— Sem problema. Os passageiros já estão enjoados. Vamos terminar por hoje.

— Entendido. Então vou fechar por aqui.

Daniel desliga o rádio e ajusta o boné desbotado do Benfica. Pergunto-lhe como se sente em relação à sua situação. Sente falta dos dias da caça à baleia ou prefere a vida de vigia? Daniel estica novamente os lábios sobre os maxilares desdentados.

— A caça à baleia foi uma parte da minha vida. Eu não sentia pena das baleias. Era uma aventura. David contra Golias. Adrenalina máxima. Hoje sei que era errado matá-las. E ganho mais dinheiro a observar as baleias do que a caçá-las. Mas tenho de admitir: sinto saudades. Sinto falta da caça.

Chamar aos Açores o «Havai da Europa» não é estranho. O arquipélago consiste em vários vulcões que emergiram da dorsal mesoatlântica, exatamente onde as placas tectónicas se encontram. A natureza é tão dramática como no Havai: penhascos de lava negra, vegetação exuberante e um mar azul. As estradas são ladeadas por hortênsias e, ao longo da costa, surfistas de cabelos compridos flutuam à espera da melhor onda.

Se o Havai marca, no Pacífico, a fronteira entre a América do Norte e a Ásia, os Açores marcam a fronteira, no Atlântico, entre a Europa e a América do Norte. Lisboa está a mil e quinhentos quilómetros a leste, e o Canadá, a dois mil e quinhentos quilómetros a oeste. A grande diferença entre ambos é que o Havai tem uma população indígena.

Quando uma das caravelas enviadas pelo infante D. Henrique chegou aos Açores, em 1427, as ilhas estavam desabitadas. É possível que os Vikings já tivessem passado por lá no século VIII. Pelo menos é o que afirmam os cientistas que analisaram amostras de ADN de ratos do arquipélago, revelando que a sua composição genética é idêntica à dos ratos da Noruega, Islândia e Gronelândia. Presume-se que os roedores desembarcaram

dos dracares. No entanto, nenhum viking se estabeleceu nas ilhas. Ao explorar o território, os portugueses repararam, além dos ratos, num falcão branco a que chamaram açor, dando nome ao arquipélago. Muitos dos primeiros colonos eram judeus portugueses, perseguidos pela Inquisição no continente, que retiraram as pedras vulcânicas da terra para poderem começar a cultivá-la.

Quando os colonizadores portugueses descobriram ouro no Brasil alguns séculos mais tarde, os navios que regressavam a Portugal ancoravam frequentemente perto da cidade de Angra do Heroísmo, na ilha Terceira, a terceira maior dos Açores, para se reabastecerem de comida e água doce antes da última etapa rumo a Lisboa. O governador da Terceira cobrava impostos sobre o ouro e construiu uma imponente fortaleza para proteger os navios carregados deste metal contra os ataques de espanhóis e piratas britânicos. Esse ouro fez de Angra do Heroísmo a cidade mais rica dos Açores e, temporariamente, a capital de Portugal durante a ocupação de Lisboa por Espanha, no final do século XVI.

Os lucros com o ouro brasileiro foram bem-vindos, mas também criaram enormes desigualdades sociais. Os terrenos agrícolas dos Açores ficaram sob controlo de apenas 3% da população, deixando aos camponeses apenas uma alternativa para ganhar dinheiro: cultivar laranjas e exportá-las para Inglaterra. No final do século XVIII, em média duzentos milhões de laranjas eram enviados anualmente para o mercado britânico. Até que um grupo de cochonilhas desembarcou de algum navio e se multiplicou rapidamente. Em poucos anos, os laranjais dos Açores ficaram destruídos.

Esta infestação coincidiu com o aumento do valor do óleo de espermacete, extraído da cabeça dos cachalotes.

Os Estados Unidos lideravam então a indústria de óleo de baleia e os homens de negócios mais poderosos do país reuniam-se na ilha de Nantucket, perto da cidade portuária de New Bedford, em Massachusetts. Contudo, havia escassez de mão de obra qualificada. Para resolver o problema, os baleeiros procuraram caçadores de outras bandas. No clássico da literatura *Moby Dick*, Herman Melville escreve: «Não poucos destes caçadores de baleias são originários dos Açores, onde as naus de Nantucket que se dirigem a mares distantes atracam, frequentemente para aumentar a tripulação com os corajosos camponeses destas costas rochosas.» Para os jovens açorianos, a caça à baleia tornou-se um modo perigoso de escapar à pobreza. Quase um terço dos oitocentos baleeiros que partiram de Massachusetts no século XVIII naufragou. Alguns navios afundaram atacados por cachalotes, enquanto outros foram esmagados pelo gelo do Ártico.

Os sobreviventes que aprenderam inglês e receberam os seus salários conseguiram estabelecer-se nos Estados Unidos. Muitos deles fixaram-se em Massachusetts, mas outros tornaram-se pioneiros na Califórnia que, em meados do século XIX, fervilhava com a febre do ouro. Em Hawkinsville, um acampamento de mineiros próximo da fronteira com o Oregon, a maioria das cabanas era ocupada por portugueses. Outros tornaram-se produtores de leite no Central Valley, o deserto irrigado da Califórnia. Na década de 1920, 85% das quintas de gado leiteiro em Merced County, cem quilómetros a norte de Fresno, eram propriedade de portugueses.

Essa migração é encarnada por Maria Silva, imigrante sem recursos dos Açores e uma das personagens principais do romance autobiográfico *Martin Eden*, de Jack London. Ela sonhava com uma quinta de gado leiteiro no Central Valley e, quando o *alter ego* do autor lhe perguntou qual era o sonho

da sua vida, Maria Silva respondeu, no seu inglês macarrónico: «*I lika da have one milka ranch, good milka ranch. Plenty cow, plenty land, plenty grass.*»¹

Antes de se mudar para Oakland, na baía de São Francisco, Maria viveu no Havai, que também recebeu muitos migrantes portugueses. A maioria era de origem madeirense, mas alguns eram açorianos que navegaram até lá para trabalhar nas plantações de cana-de-açúcar. A semelhança entre as ilhas vulcânicas fazia com que os migrantes se sentissem em casa. Em 1930, havia dezasseis mil portugueses no Havai.

Essa migração deu ao Havai um dos seus símbolos mais conhecidos: o ukulele. O instrumento é uma versão simplificada do cavaquinho, que os migrantes portugueses levaram de casa.

Na madrugada de 23 de setembro de 1957 surgiram bolhas e fumo no mar ao largo da ilha do Faial. Os agricultores reuniram-se na costa, perguntando-se se era uma demonstração da ira divina. A população analfabeta pediu perdão pelos pecados, esperando que as orações acalmassem o Todo-Poderoso. Em vez disso, quatro dias depois Deus mostrou a sua fúria ao lançar um jato de cinzas negras com cerca de mil metros de altura. O mar nos Açores havia sido atingido por uma erupção vulcânica submarina. O fogo encontrou a água. O que se seguiu fascinou o mundo: uma nova ilha surgiu no Atlântico. Quando atingiu quase um quilómetro de perímetro, três repórteres remaram até lá com uma bandeira portuguesa e batizaram-na de Ilha Nova. Os Açores tinham ganho a décima ilha.

Sucederam-se terremotos, explosões e chuvas de lava, forçando a evacuação da população costeira do Faial. Apenas os

¹ Em português: «Querida ter uma quinta, uma boa quinta. Muitas vacas, muita terra, muito pasto.» (N. da E.)

cientistas e jornalistas foram autorizados a ficar, uma vez que, pela primeira vez e a uma distância relativamente segura, foi possível filmar uma erupção vulcânica em tempo real. A fúria do vulcão ao largo da Ponta dos Capelinhos durou mais de um ano, findo o qual havia lançado tanta lava ao mar que a nova ilha fundiu-se com o Faial. Assim, os Açores voltaram a ser um arquipélago de nove ilhas.

A areia vulcânica amarelada sobe em redemoinhos, o que me obriga a cobrir os olhos com a mão enquanto caminho em direção ao vulcão dos Capelinhos, agora uma das maiores atrações turísticas dos Açores. No local, existe um museu subterrâneo moderno, onde os visitantes podem acompanhar interativamente o desenrolar da erupção. Ao lado do museu estão as ruínas da casa do faroleiro, parcialmente cobertas de lava. Do telhado, ergue-se um farol de trinta e cinco metros que há muito tempo perdeu a cor branca original. Peço permissão ao guarda para subir as escadas de metal em espiral. Quando chego ao topo, fico ao vento, a observar o vulcão erodido que se eleva quase quinhentos metros acima do mar. As ondas batem contra a areia vulcânica compactada.

Desde a primeira vez que vim a Portugal, no verão de 1992, que quero visitar os Açores. Apesar de ter viajado para a maioria dos países e regiões do mundo lusófono, só agora consegui chegar aqui. Olho para o Atlântico e inspiro o ar salgado.

Na encosta do vulcão, vejo quatro pessoas a subirem em direção ao topo, que perdeu a sua forma cônica devido ao clima e ao vento. Também quero subir ao vulcão dos Capelinhos e pergunto ao guarda quanto tempo demora.

— É proibido subir. O risco de erosão é muito grande.

— Mas estão quatro turistas a subir agora mesmo — delato, sentindo-me o aluno exemplar da turma.

O guarda pega nos seus binóculos.

— Não acredito!

Ele liga para a polícia e pede que multem os turistas. Após alguns minutos, a polícia devolve a chamada. O guarda ouve e abana a cabeça, desapontado.

— Eles têm autorização. Parece que é um grupo de geólogos alemães — informa-me.

Espero a descida dos investigadores, que chegam ofegantes.

— A areia vulcânica é pesada para caminhar — diz Christophe Neff, limpando o suor da testa.

Neff é um dos principais vulcanólogos do mundo e todos os anos visita o vulcão para observar as mudanças na sua morfologia. O líder alemão da investigação afirma que o vulcão dos Capelinhos é único:

— Nos Açores, outros vulcões acabam por desenvolver vegetação natural. Não o dos Capelinhos. É estéril. Ainda não sabemos porquê.

Uma das pessoas afetadas pela erupção vulcânica foi Elda Medeiros, que tinha seis anos quando pedras incandescentes de lava caíram do céu, como numa cena apocalíptica, atingindo a sua aldeia.

— Senti o chão a tremer e vi pedras a caírem como bombas no solo. Os nossos vizinhos não se atreviam a dormir dentro de casa. O telhado das casas era muito frágil. Durante noites inteiras, andaram na rua de um lado para o outro, a rezar. Acreditavam que Deus estava a castigá-los por terem cometido pecados — conta Elda Medeiros.

Elda e os irmãos passavam as noites acordados, a ouvir as pedras vulcânicas zunindo lá fora. As cinzas formaram montes espessos nos campos dos agricultores, impedindo o gado de pastar. As vacas deixaram de produzir leite e não havia como

fazer queijo, que era o sustento de muitos. A fome propagou-se pela ilha. Mesmo antes da erupção, os Açores eram pobres e sobrepovoados. Depois do desastre, muitas pessoas queriam emigrar.

Um migrante do Faial, residente no estado norte-americano de Rhode Island, começou a exercer pressão junto das autoridades americanas para as convencer a flexibilizar a sua rigorosa legislação de imigração e acolher refugiados da catástrofe natural nos Açores. John F. Kennedy, então senador por Massachusetts, abraçou a ideia e criou o *Azorean Refugee Act*. A lei de refugiados marcou o início da maior vaga migratória açoriana desde a caça à baleia e resultou na migração de quase um terço da população dos Açores para a América do Norte nas décadas seguintes.

Os pais de Elda venderam tudo o que tinham e compraram bilhetes de avião para toda a família. Apanharam o barco para a ilha de Santa Maria, onde se localizava, à época, o único aeroporto internacional dos Açores, e embarcaram no voo para Boston. O plano era que a família seguisse de lá para a Califórnia, onde se encontrariam com uma tia-avó que já havia emigrado, mas os bilhetes para os voos domésticos eram muito caros. A família teve de apanhar um autocarro para atravessar o país de costa a costa.

— Quando parávamos ao longo do caminho, íamos à casa de banho enquanto o meu pai mendigava comida aos americanos.

A única frase que o pai de Elda sabia dizer em inglês era: «Give me some bread, please.» Foi uma viagem difícil.

— Quando finalmente chegámos, depois de cinco dias e cinco noites, a minha mãe disse: «Nunca mais ando de autocarro na vida.»

A família chegou ao Central Valley, que se estende por cerca de setecentos quilómetros de norte a sul no interior da

Califórnia. É nesta planície irrigada que se produz uma grande parte da fruta e verduras dos Estados Unidos. O pai de Elda conseguiu trabalho como ordenhador numa quinta pertencente a parentes portugueses.

— O meu pai não tinha jeito para as vacas. Nos Açores, ele trabalhava como relojoeiro. Além disso, ficou com um turno mau e tinha de ordenhar tanto à uma da tarde como à uma da manhã. Depois de alguns meses, desistiu.

O pai de Elda tinha levado com ele as suas ferramentas e começou a procurar trabalho como relojoeiro. Na cidade de Turlock, cerca de cento e setenta quilómetros a leste de São Francisco, encontrou emprego numa joalheria. A família mudou-se para lá, e aos oito anos Elda começou a frequentar a escola primária sem saber uma palavra de inglês.

— Eu simplesmente sentava-me na carteira e tentava entender. Para fazer os trabalhos, olhava para os colegas de turma.

— Eles disseram à professora que eu estava a copiar. Fui excluída.

Os pais de Elda tiveram conhecimento de uma escola católica, onde a inscreveram. A professora dessa nova escola tinha ascendência mexicana e falava espanhol, o que a ajudava a compreender o português de Elda.

— Foi como um anjo da guarda para mim.

Elda sofria de bronquite desde pequena devido ao clima húmido dos Açores. Durante a sua infância, a mãe rezava à Nossa Senhora de Lourdes, na esperança de que a santa francesa curasse a filha. No clima seco da Califórnia, Elda recuperou da inflamação nos brônquios, o que a mãe atribuía à misericórdia da santa. Durante doze meses, convenceu Elda a usar o mesmo vestido branco com uma faixa azul que Nossa Senhora de Lourdes teria usado.

— Ninguém percebia porque é que eu ia para a escola todos os dias com o mesmo vestido. Claro que fui alvo de *bullying* novamente.

Para a mãe de Elda, a mudança para a Califórnia também foi desafiante.

— O meu pai adorava os Estados Unidos, mas a minha mãe não estava tão feliz quanto ele. Sentia falta dos Açores e sentia-se culpada por ter deixado os pais para trás. De acordo com a tradição católica, havia a expectativa de que ela, como filha única, cuidasse dos pais na velhice.

Com o dinheiro que o pai ganhava na joalheria, a família comprou uma vaca e alguns porcos, o que permitiu à mãe de Elda produzir queijo, manteiga e enchidos. No quintal, cultivava couve, e quase todos os dias servia caldo-verde. Ao fim de semana, por vezes confeccionava cozido à portuguesa. Dentro de casa, a família vivia como se ainda estivesse nos Açores. Era só do lado de fora que os Estados Unidos os esperavam.

Alguns anos depois de a família se estabelecer em Turlock, o avô materno de Elda foi diagnosticado com cancro do pulmão. A mãe de Elda voltou aos Açores para cuidar dele, regressando à Califórnia três meses depois.

— O meu avô ainda estava vivo quando a minha mãe voltou, mas ela parecia diferente. Era como se se tivesse despedido dos Açores durante a sua visita. A partir daquele dia, deixou de se queixar.

Pouco depois, o avô de Elda faleceu e a mãe começou a integrar-se na sociedade norte-americana. Conseguiu arranjar emprego numa quinta de perus e, com o tempo, passou a gostar da Califórnia. A única coisa de que ainda sentia falta era dos sinos da igreja, que antes marcavam o ritmo da sua vida.

— Nos Açores, os sinos tocavam todas as manhãs, ao meio-dia e à noite. E quando alguém falecia. Na Califórnia, era o silêncio total.

Alguns dos primeiros migrantes a instalarem-se no Central Valley foram emigrantes suecos, cansados dos prolongados e rigorosos invernos do Minnesota. As famílias foram atraídas por um anúncio no semanário sueco-americano *Wänner* [*O amigo*], com uma promessa de futuro no calor da Califórnia. A oferta de terrenos férteis à venda era ilustrada com palmeiras, e o terreno custava apenas um terço dos valores praticados noutras regiões agrícolas dos Estados Unidos. O homem que vendia as terras era um pregador revivalista da província sueca da Escânia, que havia garimpado ouro no Alasca e adquirido cerca de catorze mil e duzentos hectares de terreno ao redor de Turlock. O seu objetivo era criar a maior colônia sueca da Califórnia. Entre 1903 e 1904, quase mil migrantes suecos compraram lotes de terreno na região.

Quando os suecos chegaram, sentiram-se enganados: Turlock não era uma cidade pioneira, parecia-se mais com uma vila mineira abandonada. Anos antes, um incêndio florestal devastara o vale, destruindo a maioria das casas. Os poucos edifícios que restavam estavam cobertos de areia e inclinados pelo vento. Não havia palmeiras nem água. Os suecos nem sequer conseguiam semear batatas. Para transformar o deserto quente em terra arável era necessário desviar um rio de uma cordilheira, a alguns quilómetros de distância. O problema era o vento. Os canais abertos pelos emigrantes suecos durante o dia enchiam-se de areia ao anoitecer. O trabalho tornou-se um esforço de Sísifo. Não havia outra solução a não ser perfurar poços para captar a água. As famílias tiveram sorte e encontraram-na a poucos

metros de profundidade. Investiram em bois para fazer girar grandes rodas de madeira que bombeavam a água dos poços para as plantações.

O desafio seguinte foi a fauna do deserto. Os coelhos selvagens e os gafanhotos devoravam as colheitas. As famílias tiveram de mudar de estratégia e decidiram tornar-se produtores de leite. Os pioneiros compraram vacas, providenciaram forragem e transportaram leite e natas para a cada vez mais desenvolvida cidade de São Francisco, utilizando a ferrovia construída por trabalhadores chineses. Os produtores de leite prosperaram e ficaram conhecidos no vale. O jornal *San Francisco Chronicle* escreveu: «*You have to hand it to the Scandinavians for knowing how to run a dairy farm.*»²

O sucesso atraiu outros imigrantes a Turlock. Os primeiros migrantes dos Açores chegaram no início do século xx. Ao contrário dos suecos, já eram produtores de leite na sua terra natal e levaram consigo conhecimentos valiosos sobre laticínios. Os portugueses compraram terrenos no vale e formaram uma associação para ajudar outras famílias açorianas a estabelecerem-se na região. O relacionamento entre os colonos suecos, protestantes rigorosos, e os migrantes portugueses, católicos fervorosos, não tardou a ficar tenso. As famílias não se relacionavam, e os casamentos entre suecos e portugueses eram impensáveis. Nem sequer negociavam umas com as outras.

Todos os anos, a associação portuguesa em Turlock organiza a Festa do Espírito Santo, uma das mais antigas festividades de Portugal. Ocorre no Pentecostes, cinquenta dias após a Páscoa, e inclui uma peculiaridade portuguesa ausente nas celebrações pentecostais do restante mundo cristão. O Espírito Santo, que

² Em português: «Há que admitir, os escandinavos sabem gerir uma quinta de gado leiteiro.» (N. da E.)

desceu dos céus para espalhar a mensagem de Deus, divide os holofotes com a rainha Isabel de Aragão. No século XIII foi a rainha mais amada de Portugal, e em 1625 foi canonizada. A sua santidade consistia em distribuir alimentos pelos pobres. Segundo a lenda, o rei D. Dinis, seu marido, não aprovava a caridade da esposa. Certo dia, quando a rainha saía do castelo com um cesto cheio de pão, ele pediu-lhe que levantasse o pano que o cobria e o pão transformou-se milagrosamente em rosas.

Hoje, a festividade tem menos relevância em Portugal continental, mas nos Açores é a maior e mais importante celebração da região. Em todas as vilas, prepara-se e serve-se aos necessitados a tradicional sopa de carne em homenagem a Santa Isabel.

Na Califórnia, a comunidade açoriana conta com cerca de trezentas mil pessoas, mais do que a atual população dos Açores. No verão, a Festa do Espírito Santo, chamada Holy Ghost Festa, é celebrada em quase cem cidades da Califórnia. Para permitir que os açorianos participem nas festividades uns dos outros as datas foram distribuídas ao longo de alguns meses, e cada celebração dura quatro dias. O que começou como uma festividade religiosa, na Califórnia, transformou-se num festival popular luso-americano com comida, vinho, música, rainhas de festa e bandarilheiros.

Uma das celebrações mais tradicionais ocorre em Turlock, que conta com aproximadamente setenta e cinco mil habitantes. Aqui, os descendentes açorianos estão tão longe de casa quanto possível na América do Norte. Não sentem falta apenas da geografia restrita oferecida pela vida insular nos Açores, mas também do mar. Ao entrar em Turlock, vejo cartazes com fotografias dos homens e mulheres da cidade que prestam serviço nas Forças Armadas americanas. Turlock é um dos redutos republicanos mais fortes da Califórnia. A presidente da Câmara

é uma ex-oficial de polícia e tornou-se a primeira mulher a ocupar o cargo, em 2018. Durante o primeiro mandato de Donald Trump, integrou o Grupo de Trabalho para Questões Sociais, do Departamento de Justiça. Nas eleições de 2022, foi reeleita.

Turlock, pequena e plana, parece-se com qualquer outra cidade dos Estados Unidos. As ruas, ladeadas por casas térreas de diferentes tamanhos, seguem um padrão ortogonal previsível, e não há prédios altos, nem mesmo no centro. Os jardins são bem cuidados e irrigados artificialmente. Na maioria das fachadas, a bandeira americana agita-se ao vento. Algumas ruas têm os nomes de pioneiros suecos que aí estabeleceram a irrigação nas primeiras décadas do século passado.

— Alguém viu as minhas partituras?

Um homem na casa dos trinta anos segura o seu trompete polido em frente à capela portuguesa, em Turlock, construída no início do século xx. Ao seu lado, um amigo encosta uma tuba ao corpo robusto. O tubista entrega as partituras ao colega, que está a limpar o trompete. Pergunto-lhes se vão tocar alguma marcha de John Philip Sousa, o mais famoso compositor português nos Estados Unidos e autor de «Stars and Stripes Forever», a marcha nacional dos EUA, escrita em 1896.

— Claro! — exclamam ambos.

Um homem de uniforme branco e chapéu de capitão bate na caixa de guerra, e os mais de trinta membros da banda marcial posicionam-se em frente à igreja. Está na hora do desfile tradicional, um dos pontos altos da Holy Ghost Festa. Atrás da banda perfila-se uma dezena de grupos de outras cidades com descendentes dos Açores. Cada grupo leva uma bandeira que corresponde à cidade do Central Valley a que pertence. Dois polícias com óculos de sol pretos ligam as suas motas

Harley-Davidson brancas, liderando o desfile pela rua principal. À frente vão três adolescentes com uma bandeira cada — americana, portuguesa e açoriana. O sol brilha forte enquanto circula um carrinho de golfe motorizado, distribuindo garrafas de água aos participantes. Caminho até um casal americano, sentado confortavelmente em cadeiras dobráveis em frente à sua casa, com copos de café nas mãos. Pergunto-lhes o que acham da colónia de migrantes açorianos de Turlock.

— São um povo trabalhador. Amam as suas raízes, mas também amam ser americanos — diz o homem, a rir.

Atrás dos porta-bandeiras do desfile, uma jovem adolescente caminha com um vestido cor-de-rosa e um xaile turquesa brilhante sobre os ombros. Na cabeça, leva um lenço branco e uma coroa dourada de papel. Parece-se com Lady Rowena no filme *Ivanhoe*. A ideia, porém, é evocar a rainha Santa Isabel. Atrás dela, dois meninos carregam uma gaiola dourada com uma pomba branca que simboliza o Espírito Santo. A meio do desfile caminham outras três raparigas, que seguram a saia dos vestidos de cor creme para que o tecido não arraste no asfalto. Também elas usam coroas douradas de rainha. A menina no meio é a rainha da festa de Pentecostes, uma tradição inventada pelos descendentes na Califórnia. Basearam-se no baile de finalistas americano, mas, em vez de elegerem apenas uma rainha, escolhem também duas damas de honor, que caminham ao lado da rainha com um *bouquet*, como se estivessem num casamento e se dirigissem para o altar. O desfile desvia-se da rua principal e segue em direção à Sacred Heart Church, a igreja católica da cidade. Normalmente, as cerimónias na igreja são conduzidas por um padre americano, mas durante a Holy Ghost Festa a congregação católica de Hilmar, uma cidade vizinha fundada por migrantes suecos em 1906, empresta-lhes o seu padre português.



Outrora considerada exclusiva da língua portuguesa e intraduzível, a palavra «saudade» aponta para um estado de espírito ambíguo, onde a dor e a alegria se encontram num presente habitado pelas memórias do passado. Com a intensificação da emigração, a saudade tornou-se não apenas um sentimento universal, como a norma no nosso mundo globalizado.

A viver há vinte e cinco anos no Brasil, Henrik Brandão Jönsson sabe o que é a saudade. Apaixonado pela língua portuguesa e pela sua história, viajou para junto das comunidades de emigrantes de língua portuguesa a fim de explorar a génese deste sentimento. Dos arquipélagos atlânticos dos Açores, Madeira e Cabo Verde para a América do Sul e do Norte, falou com as populações que deram o salto para escapar à pobreza, a vulcões, ou a um futuro sem esperança — mas que nunca esqueceram as suas ilhas de origem.

Começam, assim, duas viagens distintas: uma que cruza o Atlântico em várias direções, em busca de histórias de vivências desse sentimento; e outra, introspetiva, que mergulha o autor num oceano igualmente profundo, de recordações e afetos, para descobrir como é sonhar em português longe de casa e como se mata uma saudade sem fim.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt

  penguinlivros

ISBN: 978-989-589-591-5



9 789895 895915